



LEILA PLÁCIDO

APENAS
UMA CANOA
NAS NOITES
DE VERÃO





APENAS UMA CANOIA NAS NOITES DE VERÃO



LEILA PLÁCIDO

Livro vencedor do Edital Prêmio nº 07/2021 – AM

Prêmio Amazonas Criativo

Governo do Estado do Amazonas

Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Amazonas



Apoio Cultural:

+cultura

prêmio
AMAZONAS
CRIATIVO

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



ESTE LIVRO PERTENCE À



Copyright © 2022 by Leila Plácido (texto e ilustrações)

Todos os direitos reservados por Leila Plácido de Paula. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da autora. (Lei 9.610/98).

Editor e revisor responsável

Jan Santos

Capa

Leila Plácido

Revisor assistente

Eduardo Silva

Adaptação da capa

Yan Bentes



Ilustrações

Leila Plácido

Projeto gráfico e diagramação

Yan Bentes e Leila Plácido



leilaplacidoescritora@gmail.com

Insta: @sertraleila_

P698a

Plácido, Leila

Apenas uma canoa nas noites de verão. Edição do Autor, 2022.

78p...: color.

Livro Digital

ISBN 978 65 00 49542 3

1. Literatura infantojuvenil. 2.Fábulas - Amazônia.
3.Folclore ecológico. I. Título.

CDD: 028.5

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia.”

(Alvo Dumbledore)

“Não devemos nos preocupar apenas com a utilidade material das árvores, mas cuidar delas também por seus pequenos mistérios e encantos. Todos os dias, sob seu teto de folhas, a floresta nos brinda com dramas e histórias de amor tocantes.”

(Peter Wohlleben)

Para todos aqueles que já foram pequenas sementes e que a cada nova estação crescem e aprendem coisas novas e são transformados na beleza do viver.

Que vocês mudem o mundo para o melhor que ele pode ser com bondade, humildade, gratidão e amor.

PREFÁCIO

A maioria das pessoas sai à procura de grandes milagres em templos gigantes, mas ignoram que a magia da vida acontece ao nosso redor, a todo momento.

Quem de nós nunca fez a experiência do caroço de feijão, plantado em um potinho cheio de terra ou algodão? Para mim, aquele foi o primeiro milagre que testemunhei e do qual fiz parte: vi uma sementinha tão comum no meu dia a dia, magicamente, se transformar, ganhando um caule em um dos lados, e várias raízes do outro.

Depois, o caroço ficou oco e se desprendeu, vejam só! Dando vez a um broto forte, de um verde muito vivo. Foi meu primeiro contato com o grande poder que a natureza exerce em nossa vida, mesmo em um mundo cercado de cimento e concreto.

“Apenas uma canoa nas noites de verão” me lembrou dessa magia simples e poderosa que as forças da natureza são capazes de operar. Dessa vez, não vi isso na área de serviço de casa, cuidando do meu pé de feijão, mas a leitura me levou aos beiradões do misterioso rio Negro, e ao fundo da mata, reino da Sumaúma, senhora das árvores, que conhece o segredo das criaturas encantadas da floresta.

Quem conhece os caminhos do beiradão sabe que ele é cheio de gente sábia, gente que viu coisas estranhas quando a mata estava quieta e nenhum peixe mordida a isca do pescador. Se essa gente já sabe tanto, imagina uma árvore jovem, transformada em canoa pela mão humana? Canoa é uma protagonista única, e também muito inesperada: quem além de Leila Plácido pensaria em algo tão absurdo, e ainda assim, tão encantador?

Quem, além de Leila Plácido, conseguiria nos mostrar a magia das coisas simples dando voz e vida ao principal instrumento da vida ribeirinha?

Em Canoa, vemos a união da natureza com o trabalho humano, e suas histórias ligam nosso mundo ao outro, um mais misterioso e cheio de segredos que até os animais desconhecem. Por isso Canoa é tão amada por eles e por nós, que vemos em seus contos a possibilidade de vivermos uma vez mais em harmonia com a natureza, e não apenas destruindo-a em nome de nossa sobrevivência.

**Jan Santos, mestre em Literatura
e autor de “O livro do rio: Iguaraguá”**

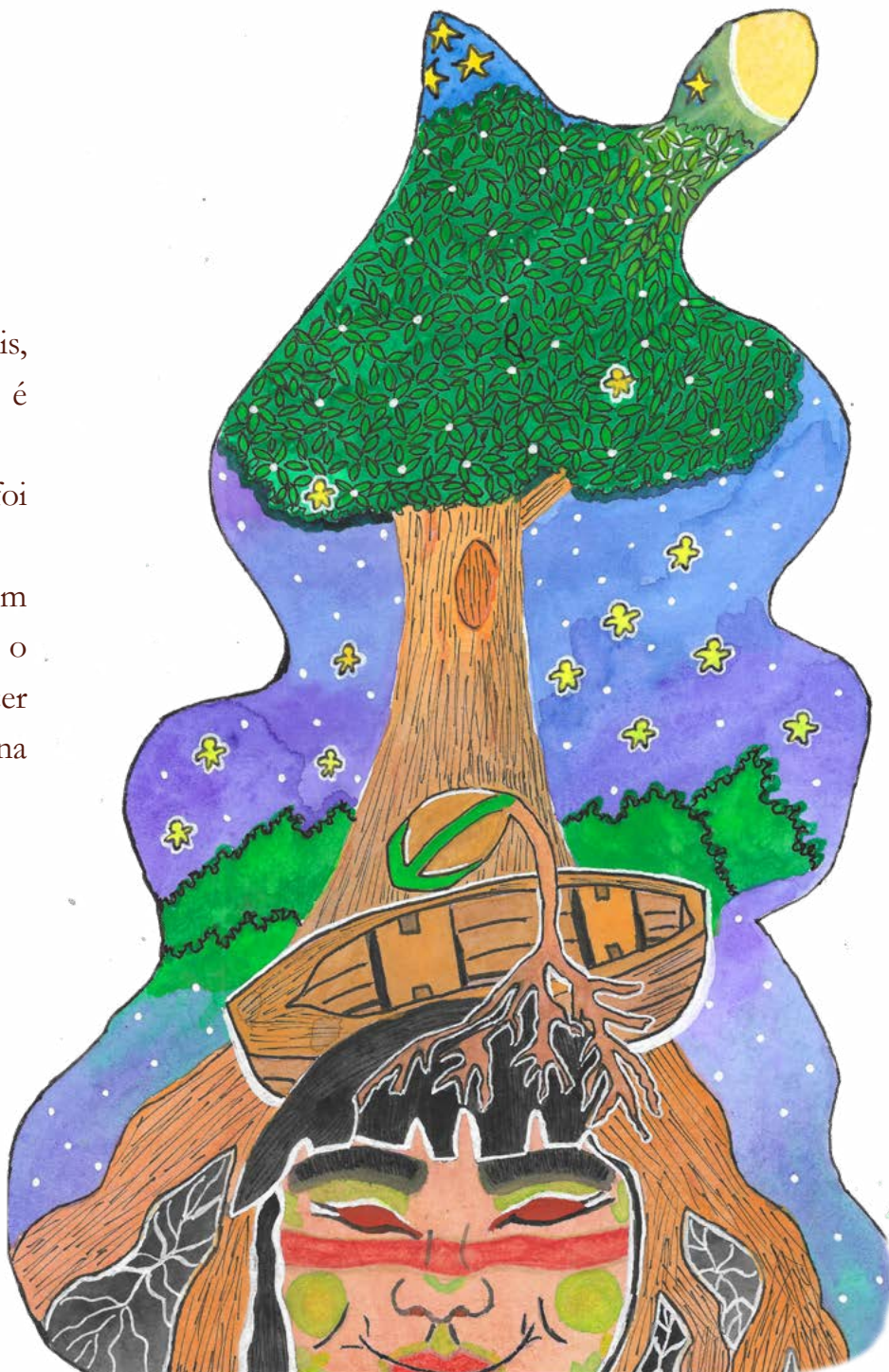
Quase tudo no mundo começa numa pequena semente.



É assim com os animais,
com as flores e árvores e é
assim com a gente.

Canoa nem sempre foi
uma canoa, você sabia?

Um dia, ela também
foi semente pequena sob o
chão, muito antes de crescer
e para o alto expandir na
verde imensidão.





Aquela semente era o seu coração pulsando no solo, enraizando a vida numa canção que só a floresta conhece, que aos de fora só apetece.



A semente cresceu majestosa e graças à terra, à água da chuva e aos bichinhos do solo e do alto céu, tornou-se árvore frondosa alcançando alturas fabulosas.

Um dia, porém, tudo mudou no mundo de Canoa.

Tirada de suas raízes, da sua terra, ela passou a ser uma possibilidade nas mãos do seu Chico. E ser uma possibilidade era assustador.

Canoa sabia que aquilo era possível, ser uma possibilidade. Ouvira, pela conexão das árvores, o lamentar de outras irmãs sendo tombadas, do chão arrancadas.

Entre elas conversavam, fosse pelo farfalhar das folhas, fosse pelo conectar das raízes.

Entre elas, sabiam que alguns homens, como o seu Chico, não as derrubavam por maldade ou por ganância, mas porque precisavam delas para morar, trabalhar e sobreviver, ainda que elas, as próprias árvores, deixassem de existir.

Até aquele momento, Canoa nunca tinha reparado na ferocidade da lâmina de um machado, porque as árvores ao redor estavam todas onde deveriam estar.

Seu Chico se desculpou. E Canoa a seiva chorou, porque ali não seria mais o seu lugar.





Apreensiva ao se ver deitada
sobre a terra, separada de suas raízes,
Canoa não sabia se seria porta, janela,
panela, remo, barco, vaso ou moradia.

Canoa ainda não sabia que
seria canoa.



Só sabia que deixaria tudo o que conhecia.

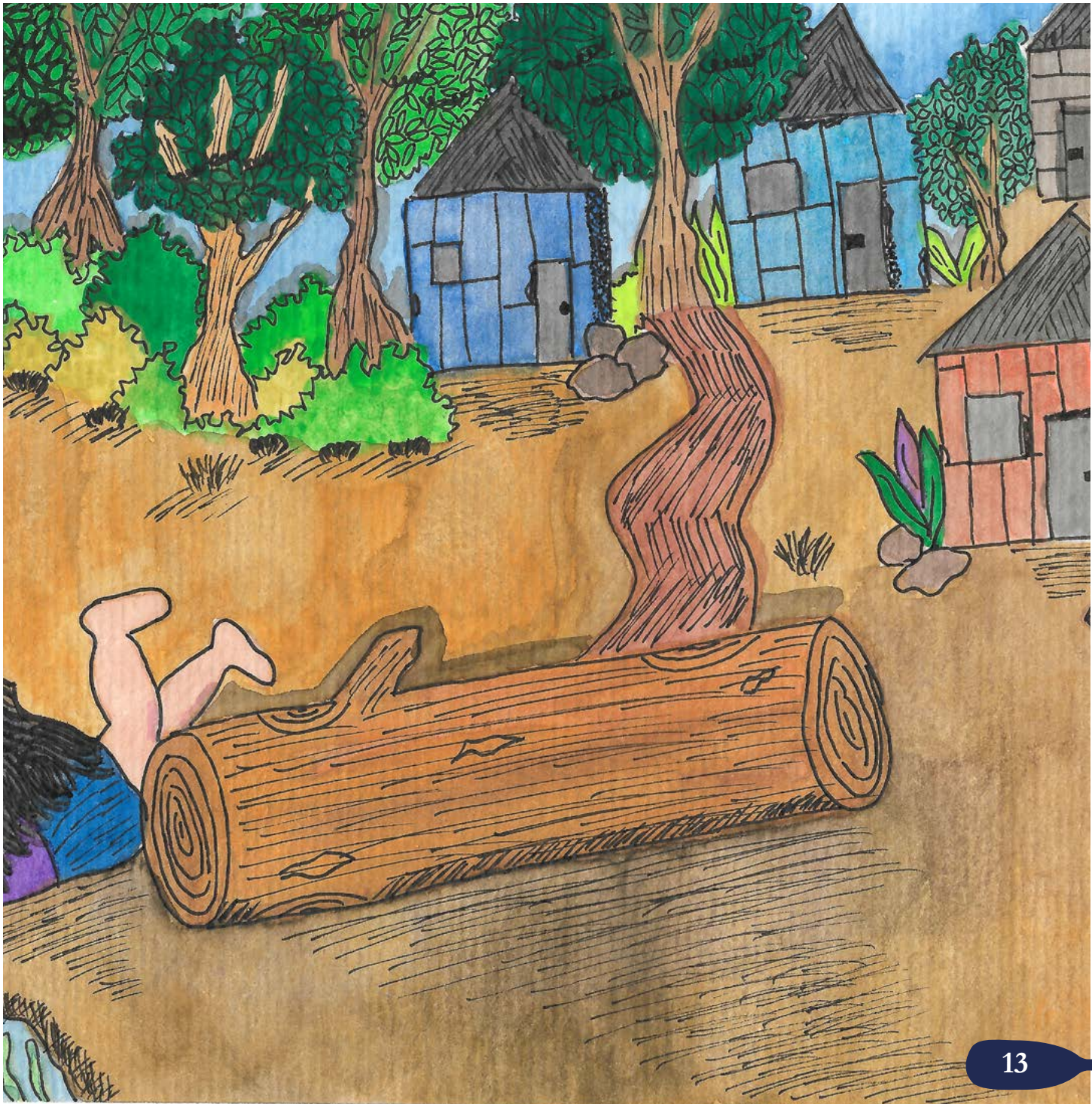
Apesar do medo crescente, havia algo diferente. Canoa não sabia explicar o porquê, mas ainda existia, ainda era parte da floresta que deixara naquele dia.

Já era tardinha quando finalmente chegaram à vila dos homens e a floresta ainda corria por suas fibras. Contra todas as probabilidades, Canoa existia!

Isso aconteceu porque nenhuma floresta é igual a outra, só que isso pouquíssimos sabem.









Na seresta dos ventos, das cigarras, das jequitiranaboias, dos bichos-grilos, dos passos das onças e dos seres místicos, as luzes dos pirilampos brilham.

Um desatento não distingue pirilampo de ser místico, mas é isso que acontece na floresta.

Um desatento não enxerga quando se abre a escada para o céu, como poema desvendado, a partir das sapopemas da Sumaúma – a grande mãe das árvores. E como poderia, não é mesmo?

Para enxergar é preciso ir muito além do ver. É preciso desacelerar e deixar de lado a febre que move o homem da cidade. Esquecer as buzinas, os celulares e todos os alardes.





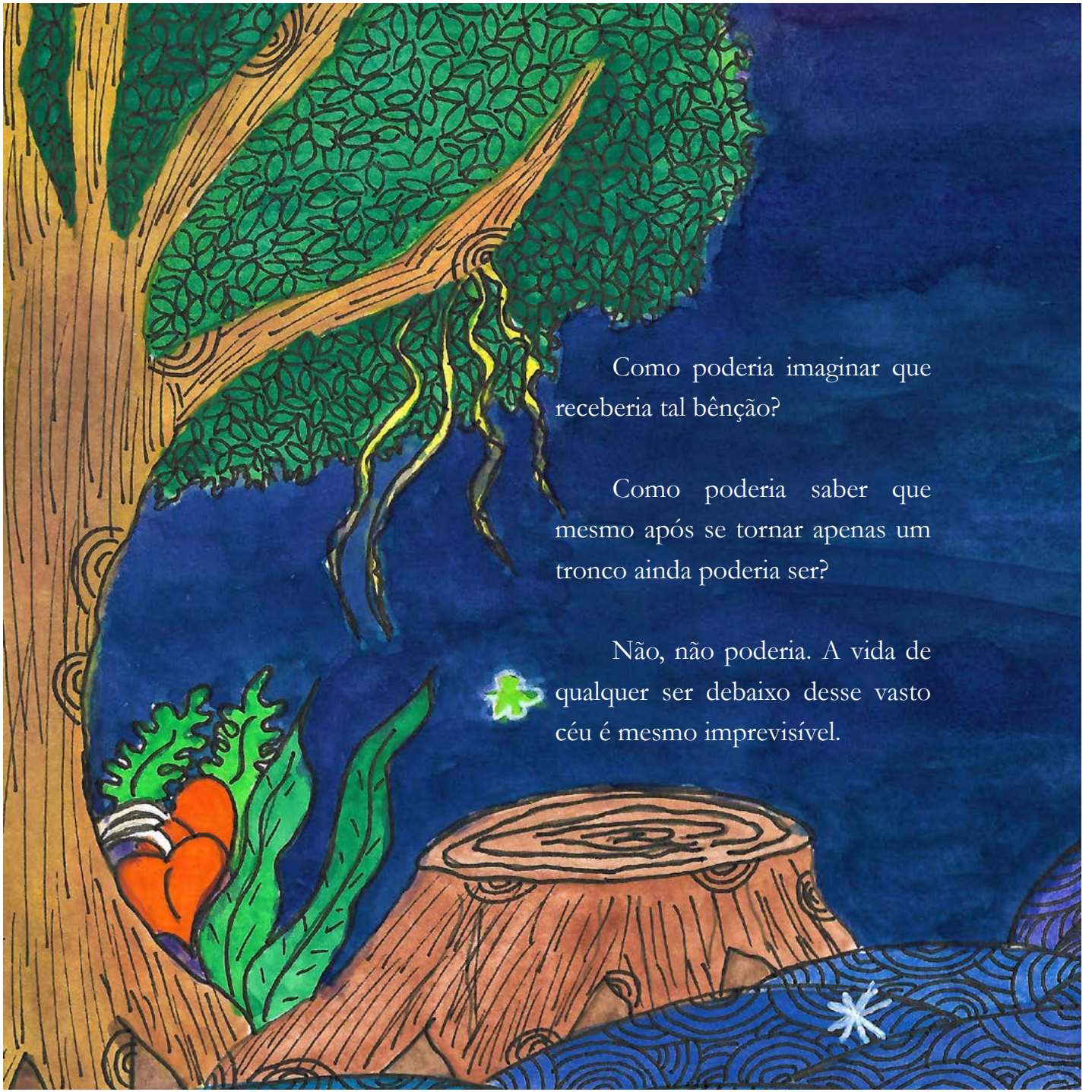


Aconteceu que, para Canoa, desde o dia em que deixou o tronco ligado ao solo nas profundezas da mata, o tempo não parou e se passaram muitos anos. O extraordinário era que ela continuava existindo sob outra forma.

Não tinha como saber que o tempo das árvores era diferente do tempo dos humanos. O que sabia, contudo, era que, enquanto esteve sobre suas raízes, já vivera quase quarenta e cinco anos.

Nem ela, nem o rio ou os bichos do rio, nem o vento ou os bichos que voavam pelos céus, nem a terra das margens da vila ou os bichos que por ela caminhavam, sabiam como aquilo acontecia. Era natural, no entanto, e como tudo ao redor que respirava e conversava, a Canoa vivia.

A árvore que fora sempre achou que continuaria ali no seu cantinho, alimentando e dando sombra e morada aos animais e a quem mais passasse por aquelas paradas, servindo o solo com suas folhas e frutos, devolvendo à terra o seu respirar.



Como poderia imaginar que receberia tal bênção?

Como poderia saber que mesmo após se tornar apenas um tronco ainda poderia ser?

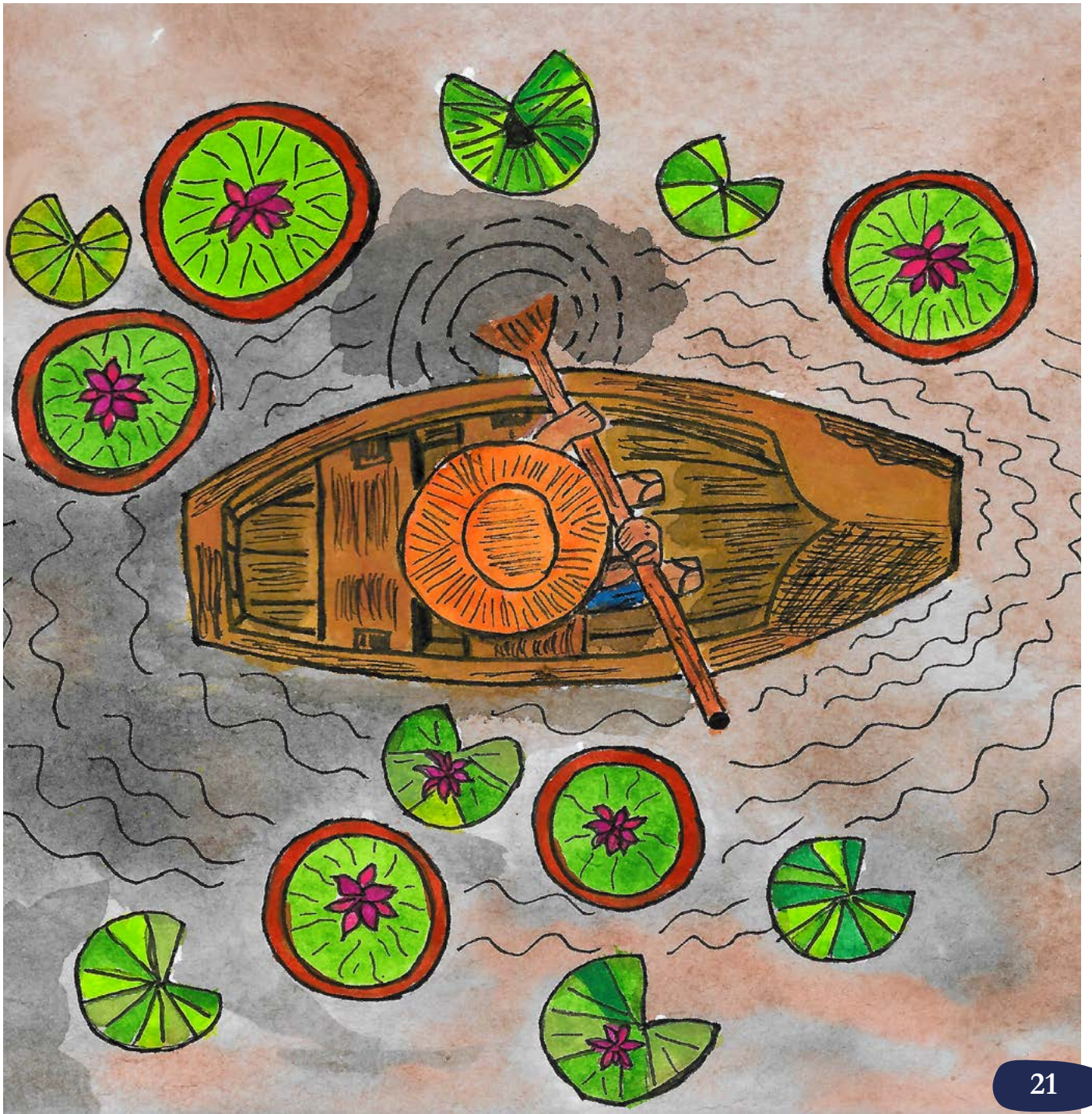
Não, não poderia. A vida de qualquer ser debaixo desse vasto céu é mesmo imprevisível.



Afinal, o impossível acontece todos os dias bem debaixo do nosso nariz, desafiando a sabedoria da gente e até as leis da física, e passa sem se ver, despercebido até ficar escondido como se nunca tivesse acontecido.

Ia o tempo e Canoa sabia que nada era para sempre, afinal já vivenciara a partida de amigos humanos e amigos animais desse mundo. Gostava de pensar que seus queridos, que partiram, agora eram todos estrelas.

Assim, os dias caminharam pelo tempo e Canoa foi aprendendo a viver entre os homens, que agora sabia eram os ribeirinhos. Aprendeu o modo de vida daquele povo e dos animais que viviam daquela terra e daquele rio.



Ouviu histórias e causos, que muitas vezes gostaria de poder corrigir, mas como não possuía habilidade para tal apenas contentava-se em sorrir dentro de si.

Depois de um dia de trabalho pelas águas do rio, levando o seu Chico ou a meninada pelo ondular dos banzeiros e passando longe dos rebojos, descansava atada à ponte de madeira às margens da vila de chão de barro.

Ali ninguém mexia, todos sabiam o que era de quem e quando precisavam, pediam, mas isso não acontecia em todas as comunidades pelo rio acima ou abaixo. Canoa aprendera também que nem todos os humanos respeitam o que é dos outros.

Num desses dias, sentiu o inevitável: sua madeira apodrecia mais rápido. Não tardaria, refletiu, a hora de voltar para os braços da mãe natureza.



Pensou, admirando o pôr do sol, que tinha feito muito em sua vida.

Como um milagre da grande rainha das árvores, Canoa foi abençoada pela escada do céu que para ela se abriu naquele dia.

E quantos anos mais viveria?

Isso não sabia.

Porém, àquela altura da sua existência, Canoa já beirava os oitenta e cinco anos. Servira o seu Chico desde moço, quando ele ainda não tinha filhos. Aprendera que a vida dos homens era frágil, mas que a dos pássaros era ainda mais. Aprendera que toda vida tinha o seu valor.

Ia o tempo e Canoa tinha certeza de que seus dias estavam mais próximos do fim. Chegara tão longe desde que era uma sementinha. Nem em seus sonhos mais descabidos, sonharia para si uma vida assim às margens d'água.



Lembrou do seu Chico ainda novo e sem filhos, dos filhos do seu Chico chegando e indo embora para a cidade grande, lá para o rumo de Manaus, e dos filhos dos filhos do seu Chico chegando para visitar. Lembrou de tudo o que já ouvira.

Pensou que também era uma dádiva conseguir ter guardado na memória tudo aquilo. Então, lamentou ainda não ter compartilhado suas experiências com os amigos animais que iam e vinham, dia sim, dia não.

Canoa decidiu que sua herança seriam as suas lembranças.

Arraia, sucuri, jequitiranaboia, peixe-boi, ariranha, jacaré, onça, queixada, rasga-mortalha, borboletas, garça, sapos ou boto. Fosse o que fosse, Canoa contaria suas histórias.

E assim, os bichos de todas as espécies chegavam perto dia após dia, ao cair da noite sobre o rio, para ouvir as histórias que a velha e sábia Canoa contava.

Muitos bichos não sabiam como os homens eram no dia a dia. Para a maioria, os duas pernas eram apenas irracionais. Desconfiavam, e com razão, daqueles seres.

A bicharada até podia saber pouco, mas esse pouco já apavorava. Era consenso entre os bichos que os humanos eram um grande risco.

Era certo que os homens só sabiam caçar, matar e destruir.

Canoa dizia: “Mas nem todos são assim. O seu Chico é um bom homem, ele cuida dos animais feridos e ele só tira da terra o suficiente, nem mais nem menos.”

Um dos bichos replicava: “O seu Chico também come peixe e paca!”



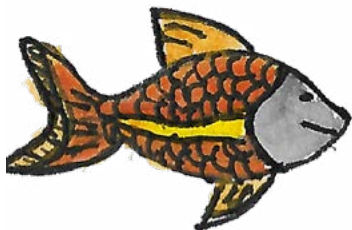
E Canoa tratava de explicar, de novo, que assim como os animais, o seu Chico precisava comer para sobreviver. Porém, ela sabia que nem todos eram assim e tratava de deixar claro.

Mesmo que um ou outro não concordasse, todos os dias, bem depois do sol poente, Canoa se via rodeada de seres querendo ouvir os relatos desse ocidente, e assim ela contava.

“Isso aconteceu num dia em que o céu estava furioso, toda a água lá do alto desabava em jorradadas. Os homens corriam para amarrar as canoas com nós fortes, bem atados, e tratavam de guardar o que precisava ser guardado. Era uma correria para guardar as galinhas, os patos, os porcos, os cachorros e os gatos. Parecia que as nuvens choravam as lágrimas acumuladas de cem anos.”

“Você é sempre tão exagerada!” – desdenhou a cobra-papagaio, que sempre aparecia debochada para interromper com seu sibilar.

“Deixa a Canoa contar a história, sua cobra chata! Já te dou uma bicada!” – ralhava o tucano descontente, sacodindo as asas.

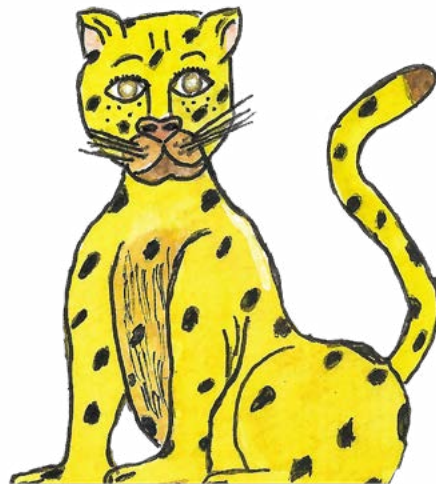




“Vamos deixar a briga de lado, por favor, e ouvir a história.” – pedia o peixe-boi conciliador.

“Nosso bom amigo apaziguador sempre está certo.” – borbulhava o pacu.

“Se já terminaram de falar, eu devo continuar.” – Canoa chamava a atenção. – “Enquanto as nuvens choravam as lágrimas de cem anos inteiros, parecia que todos estavam a lamentar ao mesmo tempo. Tupã, Mãe d’água, Mãe Terra, Mãe Natureza, todos choravam. O chão tremia e a água revolvia. Os raios rasgavam o céu do fim da tardinha com suas luzes de puro fogo. Até mesmo a corajosa onça-pintada saiu em busca de abrigo. As árvores temiam a ira de fogo do raio.”



“Os peixes mais assustados tentavam nadar pelo igapó até o fundo ou se esconder nas raízes das árvores à mostra sobre as águas, entre a vegetação do rio, tudo para não serem sugados pelas trombas d’água que começavam a se formar aqui e ali como nunca fora visto. Os rebojos se agitavam com violência, alargando-se em redemoinhos que levariam recreios e até mesmo navios para o fundo do rio.”

“Os humanos temiam que suas casas fossem arrastadas pela força das águas que começava a invadir a vila e que os animais que haviam abrigado mais cedo se afogassem. O seu Chico resolveu enfrentar o mal tempo e saiu para o quintal até o chiqueiro para resgatar os bichos. Em pouco tempo, a pequena casa de madeira estava lotada de patos, galinhas, gatos e cachorros, todos assustados. Não era fácil lidar com toda aquela bicharada e mais com a menina que chorava amedrontada, mas o seu Chico, tão bondoso e amável, começou uma oração para acalmar aqueles corações.”



Canoa sinalizou que, por aquela noite, a história estava encerrada e pediu que os animais voltassem no outro dia para que ouvissem o restante.

Amanheceu o dia e Canoa se pôs com alegria a levar a meninada para a escola na vila próxima, na volta traria algumas pescas e algumas bananas que o seu Chico colhera no roçado.

Fora um dia agradável de trabalho. Sentira o vento e ouvira o farfalhar das folhas e se comunicara com as árvores das margens, seria mais um tempo memorável.

Quando a noite começava a cair, Canoa já se ajustava para continuar sua história.

“Bora, Canoa. Conta logo essa história!” – apressou a cobra-papagaio.





“Ora, vejam só quem resolveu aparecer de novo, mesmo dizendo que a Canoa é exagerada” – observou o macaco de cheiro, rindo sem respeito da cobra reclamona.

“Tudo bem! Onde foi que eu parei mesmo?” – perguntou a Canoa, mais para si mesma que para seu público.

“Você parou na oração, Canoa, na oração.” – observou bem lentamente a preguiça, que curiosamente não dormia quando a Canoa contava suas histórias.

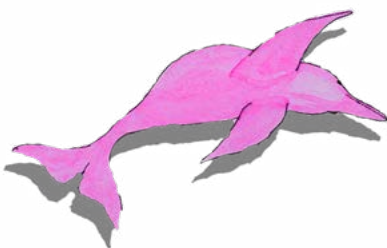
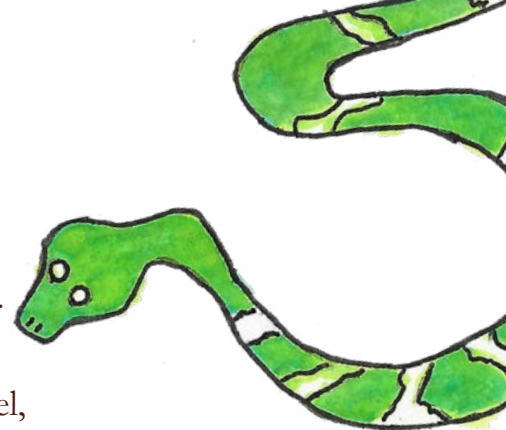
“Ah, é mesmo!” – lembrou-se Canoa. – “O seu Chico começou a sua oração, uma prece pedindo proteção e calma para a gente e para os bichos, aceitando a vontade que fosse sobre o rio e sobre a terra. Como a chuva veio, a chuva foi. Na manhã seguinte, os estragos estavam por todos os lados. Casas tinham perdido telhados e tábuas, levados pelo vento. A água invadira a vila e chegara até a metade das paredes. Ali, todos estavam acostumados às cheias, o período que trazia as enchentes, por isso faziam suas casas tipo palafitas, mas aquela chuva havia sido muito diferente. Choveu a chuva de uns quatro meses, diziam os moradores da vila.”

“Mas isso é impossível!” – disse a cobra-papagaio.

“Não é, não!” – afirmou a onça-pintada.

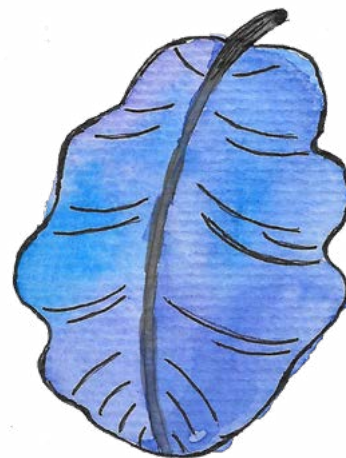
“Pois muito bem, realmente não é impossível, apesar de ser muito difícil, mas essa é a verdade.” – continuou a Canoa, em tom solene. – “Chuva de uns dois meses, eu afirmo pelo farfalhar das folhas no vento, que ouvi das árvores da floresta sobre a chuva forte e os raios que partiram ao meio alguns troncos, ferindo-os sem volta com grave corte.”

“Na vila, alguns pobres animais não tiveram sorte; os homens, porém, foram poupados. A vila precisaria ser reconstruída, porque muito fora perdido, destruído. Naquele tempo, só uns poucos tinham geladeira e ninguém tinha televisão. As notícias da capital chegavam pelo rádio e muitos foram levados pelas águas.”



“Ah, mas isso eu sei!” – disse o papagaio, convencido de sua sabedoria. – “A geladeira é caixa grande que gela a comida, a televisão é a caixa menor que cabe gente andando de um lado para o outro e o rádio é a caixa ainda menor que cabe gente falando!”

“É por aí mesmo, papagaio.” – concordou Canoa. – “Continuando, as pessoas foram se ajudando a reconstruir o que podia ser reconstruído e pedindo aos céus que provesse alguma ajuda da capital, porque ali nem prefeito tinha e, não tardou, recreios de igrejas começaram a subir o rio e aparecer às margens da vila com alimento, geladeiras, rádios e até uma televisão ou outra. Naqueles dias, morava na vila o Zé da rabeta, que era um senhor rabugento e ingrato.



Bom, todos ficaram gratos pelas doações, já o seu Zé reclamava que era tudo coisa velha e usada. Se nem mesmo quando instalaram os primeiros postes de energia elétrica o seu Zé ficou feliz, por que iria se alegrar com as doações?”

“Seu Zé não se alegrava era com nada e o seu Chico nem gastava palavra com ele, falou logo que se não quisesse nada que doasse lá para a paróquia, que teria mais serventia. Quem disse que o tal do Zé deu para a igreja? Deu foi nada e usou até o fim da vida, o resmungão ingrato.”

“Mas olha já, não foi esse seu Zé da rabeta que levou um susto do Curupira?” – lembrou a onça-pintada mais velha.

“Foi ele mesmo, dona onça. Saiu correndo e nunca mais entrou no mato para fazer maldade com os animais e nem com as árvores.



Seu Chico diz que ele teve foi sorte de não encontrar coisa pior, coisa sem piedade de gente ruim que nem ele!”

“Eu já acho é muita pena que ninguém mais quase veja o Curupira por aí!” – lamentou-se o tucano.

“Já tem tempo, fecharam-se as portas da Sumaúma, é o que ouço as irmãs queixarem-se.” – concordou Canoa.

“Eu não ouvi essa história, dona Canoa, a senhora pode contar?” – perguntou o pequeno macaco de cheiro agarrado no dorso da mãe.

“Qual história, macaquinho?” – quis saber a Canoa.

“A história da porta da Sumaúma.” – respondeu o pequeno.



“Ah, sim! Eu conto essa outro dia, por hoje vamos terminar com a reconstrução da vila. Passaram-se uma semana, depois duas, em seguida três e lá se ia um mês e a vila ainda não estava completamente em pé. Porém, a vida seguia e, com a ajuda dos recreios que iam e vinham de uma missão e outra, as palafitas foram reconstruídas e os moradores criaram formas de deixar as construções de madeira mais fortes e resistentes à ventania. Construíram novos lugares para os animais e refizeram suas plantações. Por mais egoísta que um ou outro fosse, todos deram as mãos para refazer o seu lar. Amanhã eu conto sobre a escada para o céu e a porta dos seres da floresta, mas por agora vamos acabar.”

O pequeno macaco de cheiro ficou triste porque queria saber logo que porta era aquela, que nunca ouvira falar. Porém, precisava dormir assim como um bocado daqueles animais, que não tinham o hábito de ficar acordados até aquelas horas, mas que não gostavam de perder a contação.





Se Canoa apenas pudesse fazer caber o mundo todo em suas histórias..., mas sabia, de alguma forma, que não podia. O mundo, afinal, era imenso e a duração de uma história findava em algumas horas.

Além disso, Canoa não tinha muita certeza se entendia o que a imensidão significava, fosse de noite ou fosse de dia. Embora, à noite, as estrelas lá no céu piscassem dicas de que imenso poderia significar colossal e além.

De uma coisa, porém, tinha certeza: por mais que o mundo todo não coubesse em suas histórias, as suas histórias caberiam no mundo todo. Afinal, a sua porção de mundo estava bem ali diante dela, e só precisava daquilo e nada mais.

Os animais se retiraram, cada um para o seu canto, e Canoa adormeceu no balanço das águas, sonhando com as nuvens celestiais que a levariam de volta para a sua amada floresta, para as suas raízes.



Amanheceu o dia e, como de costume, antes mesmo do sol despontar, Canoa e seu Chico já estavam a navegar pelo rio. Na volta, seu Chico parou para examinar sua companheira e notou àquela hora que não iriam mais longe naquela lida.

Canoa previra que esse dia chegaria, sua madeira estava muito envelhecida. Aguentara muitos anos pelo rio abaixo e acima. Vivera tantos encantos quanto possível e entendia que em um ou dois dias, o seu Chico daria a ela uma nova serventia. Fosse o que fosse, talvez ela deixasse de existir.

Precisava enxugar suas histórias e logo!

Em breve anoiteceria e ela não possuía o tempo que gostaria.

Como que alertados pelos sussurros da mãe natureza, os animais se juntaram em volta da Canoa para uma última história.

“Boa noite, meus amigos! Boa noite, seu macaquinho! Hoje, vou contar a história da porta que se abre na base da Sumaúma para os seres míticos passearem e protegerem esse mundo.”





Feliz da vida, o pequeno macaco aplaudiu a Canoa e se pôs a prestar atenção, assim como todos os outros animais.

“Eu não ouvi essa história da boca dos homens. Verdade que ouvi eles contarem sobre o Curupira, a Yara, a Matinta-Perera, o Boitatá, a Cobra grande e até a Cobra canoa, mas essa história eu ouvi foi das árvores, quando eu era mais que uma sementinha, sem qualquer noção da vastidão de vida que respirava além da minha.

“Na verdade, eu nem sequer sabia o que era a vida, apesar do meu coração pulsar sob a terra, sem que eu tivesse a definição do sol ou do céu. Ouvi essa história assim, muito pequeninha e anos depois, muitos anos depois, ouvi novamente e repetidas vezes até o dia em que, finalmente, senti o poder da grande mãe das árvores agindo em mim.

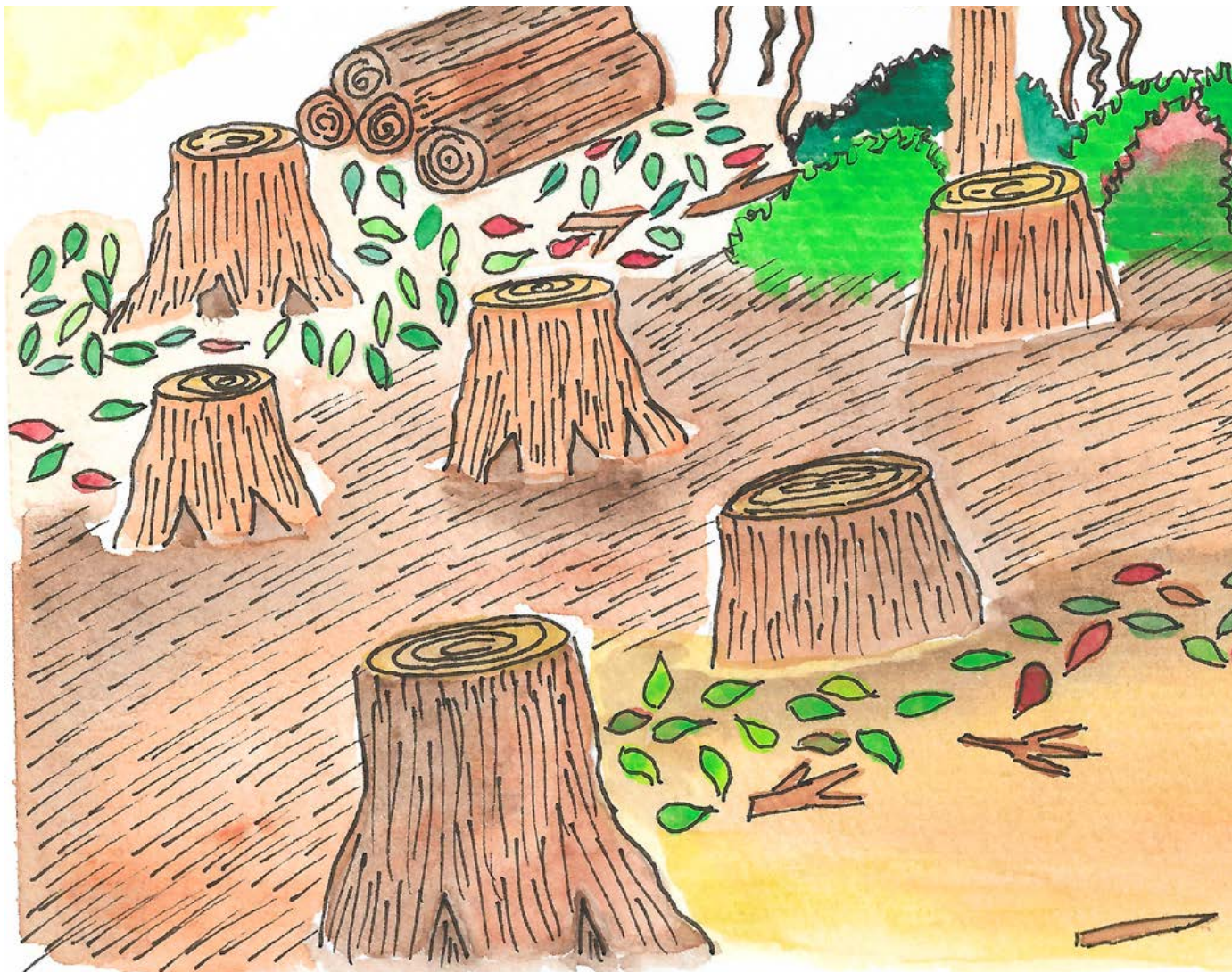


Vocês, meus queridos amigos, já conversaram com outra canoa além de mim?” – quis saber.

A resposta de todos ali foi um uníssonos não.

“Pois bem, essa habilidade de conversar com vocês e saber que estou aqui, mesmo após ser tirada das minhas raízes, eu ganhei sem nem mesmo pedir. A dádiva de continuar a existir ganhei da Sumaúma, a árvore sagrada, e, por isso, digo que a escada para o céu é muito real. As árvores sempre contaram sobre a porta que se abre nas raízes da Sumaúma e dá acesso a escada para o céu e passagem para os seres místicos da floresta ancestral adentrarem nas florestas desse mundo. Como vê a todos, a Sumaúma protege suas irmãs e os bichos da floresta, mas o mal que escurece o coração humano, às vezes, é impossível de ser controlado e nem mesmo todos os seres protetores são capazes de dar conta do recado.”

“Eu mesmo ouvi outro dia de um primo que mora lá na outra margem, que ouviu de outro primo, que já uma boa parte das árvores lá da floresta deles não existe mais. Uns homens chegaram e derrubaram tudo!” – contou o papagaio.



“Na água não é diferente.” – disse o peixe-boi, tristemente.



“Verdade!” – concordou o boto. – “Desce agora uns barcos pelo rio, que parecem umas cidades, e começam a escavar lá no fundo, remexendo tudo, destruindo tudo, matando é muito peixe, cobra d’água, boto e tudo que mora nas nossas águas.”

“Eu lembro, sabe...” – começou o papagaio saudoso – “quando via era muita arara avoando aqui e ali, tanto pássaro de tanto jeito que o céu ficava ainda mais bonito. Ah, eu lembro!”

“Tem tanto que a gente não vê mais, isso também é verdade de chorar, mas vocês sabem que, apesar de tanta gente ruim, existe ainda muita bondade. Ainda tem gente que se importa com a terra, com a água e com todos os animais, porque eles entendem que precisamos uns dos outros para sobreviver. Não sei explicar, mas passei a sentir isso quando a grande mãe Sumaúma permitiu que eu continuasse existindo.”

“Dona Canoa, a senhora viu mesmo a porta do outro mundo?” – quis saber o macaquinho.

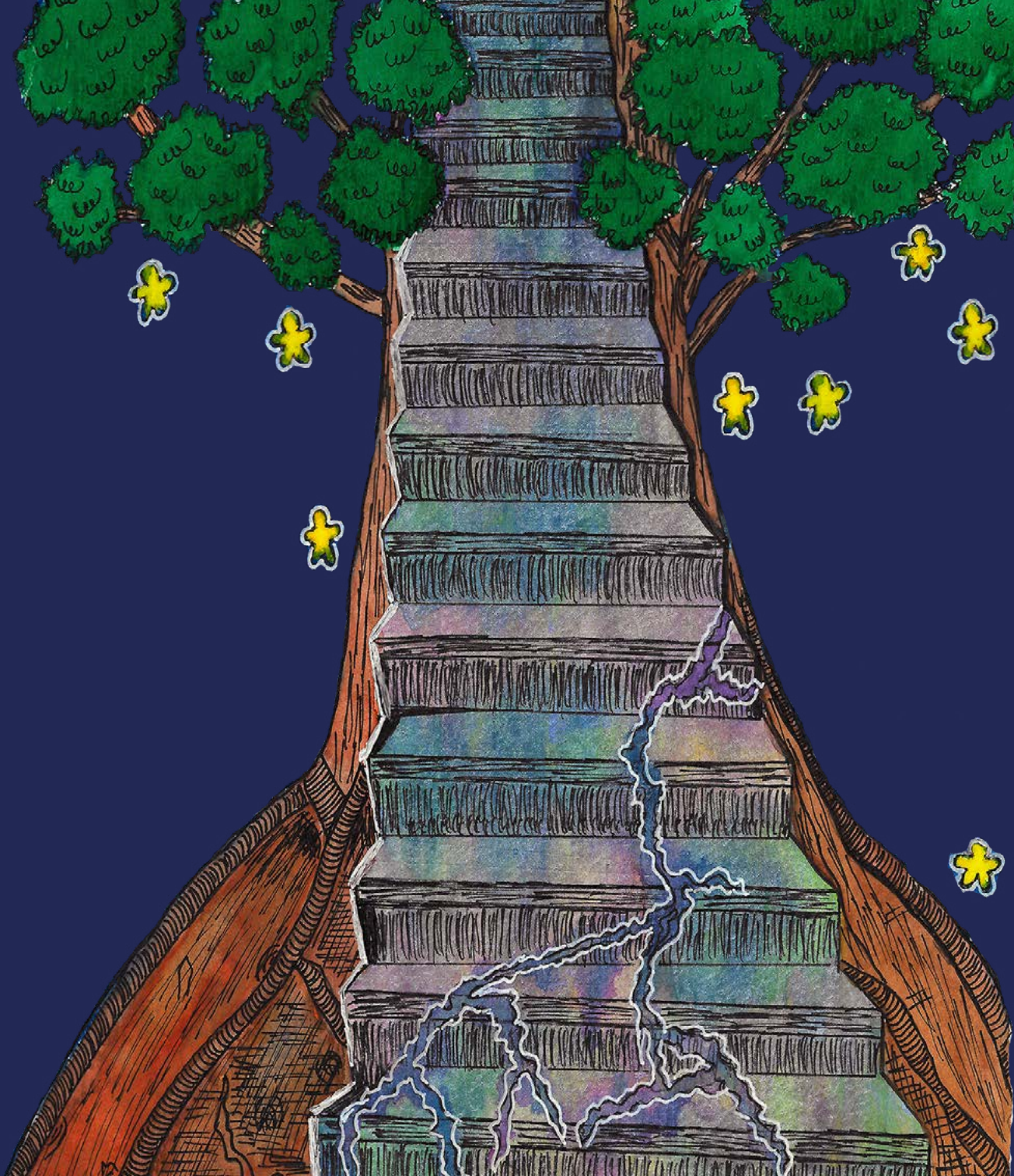
“Mais senti do que vi, pequeno, porque a Sumaúma não ficava

perto de onde eu costumava morar. Minhas irmãs contavam que antes mesmo do mundo ser mundo, a Sumaúma recebeu a tarefa de ser a árvore da vida, a mãe de todas as árvores e a grande vigilante das florestas, por isso das suas raízes a porta se abre e entram e saem os protetores, fazendo o que são capazes para manter as árvores plantadas e os bichos respirando. Agora, eu devo me despedir de todos vocês, meus bons amigos, porque amanhã paro de navegar.”

“Por que você faria isso dona Canoa?” – perguntou, aflito, o macaquinho. – “Por acaso, o rio deixou de ser bonito para a senhora?”

“Porque é o curso natural da nossa vida, pequenininho. Algumas árvores, como a Sumaúma, vivem mais de mil anos, outras centenas e outras décadas. Com os animais não é diferente: alguns existem por um único dia e outros por décadas. E assim segue a vida. Cada um de nós, se árvore, se bicho, se gente, têm um propósito, servimos para algo que completa o todo desse mundo tão grande. Às vezes, a gente não entende, mas o importante é que todos nós temos a nossa significância, a nossa importância e o nosso tempo. O meu tempo, assim eu creio, terminou. Vou levar cada um de vocês na lembrança com muito amor.”

Os bichos se despediram de Canoa, tristes porque perderiam sua amiga contadora de histórias, mas felizes pela oportunidade que tiveram de conhecer aquela montaria ribeirinha tão sabida.



Na manhã seguinte, o seu Chico sentou-se na beirada da ponte de madeira e disse para a Canoa:

“Sabe, minha amiga, sou muito gracinha a você pelos anos que me ajudou por esse rio. Você pensou que eu não sabia, mas eu sempre soube que você estava aqui, que assim como eu, existia. Falar isso em voz alta não posso, porque você bem sabe que o povo vai dizer que estou virando um velho doido. Mas hoje, minha amiga Canoa, você volta para o lugar ao qual sempre pertenceu.”

O filho mais velho do seu Chico, o Raimundo Felício, estava na comunidade de férias da cidade com a família, e, junto com o pai, tiraram a Canoa da água e a levaram mata adentro.

Se seu Chico pudesse ver as lágrimas de Canoa teria ficado ainda mais emocionado na despedida de sua amiga.



Canoa não sabia que aquele bondoso senhor a devolveria aos pés de seu tronco, ainda preservado na mata que seu Chico e outros vizinhos faziam questão de cuidar.

Raimundo Felício achou estranho o pedido do pai, afinal quem enterra canoa de volta na base do tronco?

Acatou, porém, o pedido do pai sem fazer questionamento e abriu o buraco na terra que receberia de volta a sua filha.

Seu Chico plantou uma nova semente dentro de Canoa, uma andirobeira, que dali alguns anos daria remédio e sustento para os animais e para a sua comunidade.

Naquela tarde, Canoa achou que deixaria de existir para sempre. O que Canoa não sabia era que, como ela, o seu Chico também tinha um propósito nessa vida e por saber que todos os seres têm a sua serventia, entendia que precisava devolver à natureza.

A grande rainha Sumaúma, que a toda floresta via, observou a humildade do senhor e o amor no coração de sua embarcação e permitiu que as raízes da andirobeira se atrelassem à Canoa, fundindo-se num novo ciclo de vida.



E essa história de amizade, de troca e de amor entre homem e árvore foi contada por muitos e muitos anos por humanos, animais e árvores.





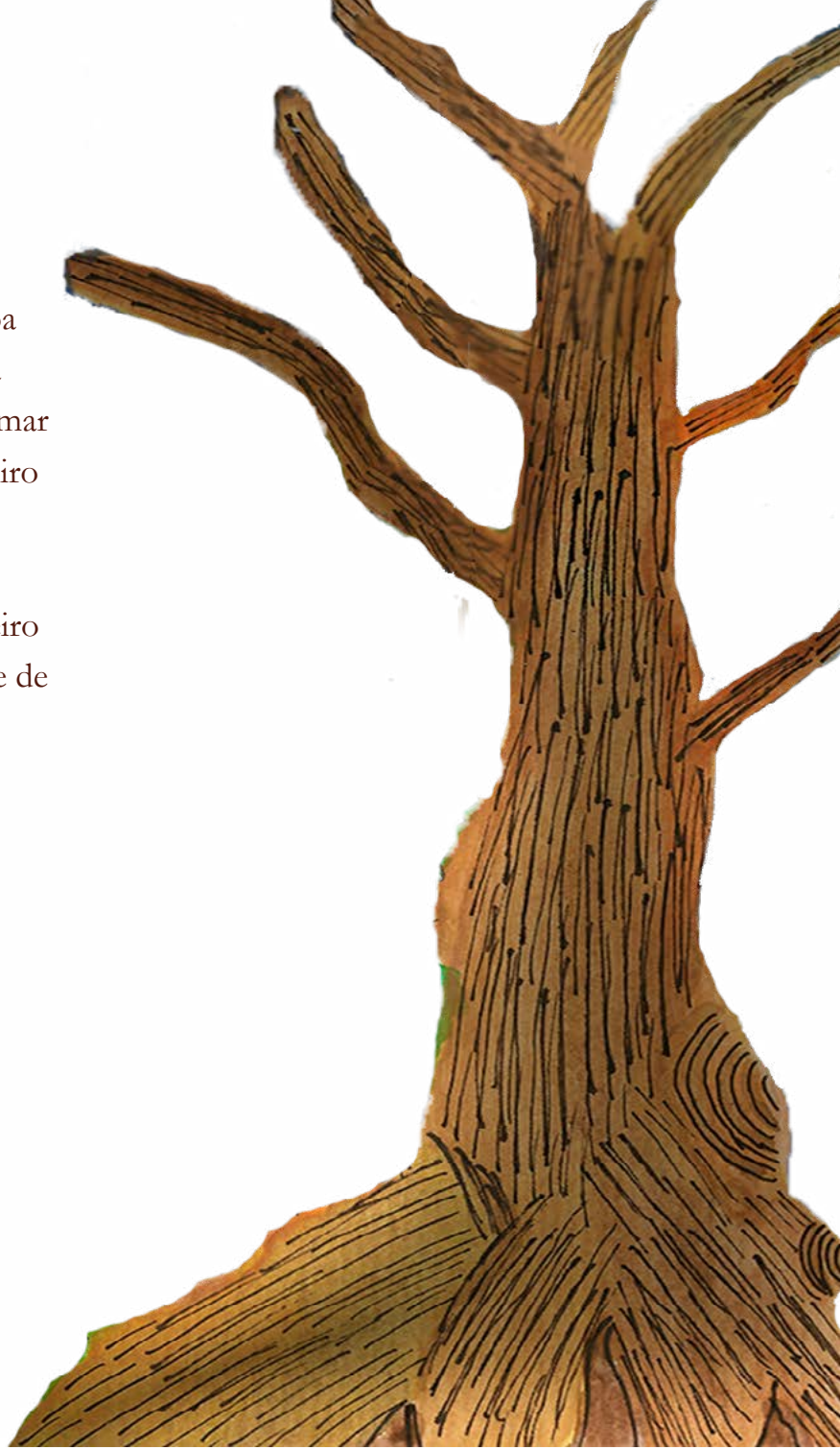
Canoa e canoeiro

Canoa, canoa não cansa à toa
montaria, igara, ubá que voa
pelas águas do rio sem reclamar
flutuando enquanto o canoeiro
traça o caminho a remar

Rema, rema o remo o canoeiro
como fosse ele mesmo parte de
sua canoa pelo rio inteiro

Na seresta dos bichos
no canto das águas
no encanto da mata
tanto na água escura
quanto na água barrenta

Canoa e canoeiro são um só
parte um do outro feito nó
quase sagrado no feitio de
viver do rio



parte um do outro feito nó
quase sagrado consagrado a
beleza de viver da natureza

Ali nas águas
não se sabe quem é homem
e quem foi árvore
canoa e canoeiro são um só
parte um do outro feito nó.



POSFÁCIO

Espero sinceramente que, a exemplo de mim, você tenha gostado e se emocionado bastante ao terminar a leitura desta joia intitulada “Apenas Uma Canoa nas Noites de Verão”.

Este livro, caracterizado como Literatura Infantil, nos brinda com uma mensagem maravilhosa e emocionante, ao mesmo tempo infantil e adulta, oriunda da vida na floresta e nos beiradões de todos os rios e florestas deste planeta.

Todas as canoas ao redor do mundo – quaisquer que sejam os seus nomes - têm suas histórias para contar, suas alegrias e tristezas, suas aventuras e lamentações. A escritora Leila Plácido, autora deste livro, traduz todos estes “sentimentos” ao contar a história de uma delas, representando assim todas as demais.

Ambientado na floresta amazônica, este livro explora o nicho inserido no contexto do Folclore Ecológico e expõe de forma poética as

peripécias de sua heroína, antropomorfizada ao ponto de vivenciar e contar todas as suas aventuras e desventuras, bem como as de seu criador, deste o seu “nascimento” até o momento final de sua existência.

Visto de forma alegórica, ele é também um libelo contra os maus-tratos que nós, enquanto raça humana, dispensamos às florestas do nosso planeta.

O livro apresenta de forma lúdica às nossas crianças e a nós próprios, o que as árvores, os peixes e animais da floresta nos diriam e nos contariam se assim pudessem fazê-lo.

Mas do que uma defesa da floresta enquanto um ser vivo em seu contexto geral, “Apenas Uma Canoa nas Noites de Verão” emociona não somente pela história contada, pelas aventuras vividas, pela mensagem que nos apresenta, mas, e principalmente, pela beleza de sua prosa, de sua poética, da forma como consegue contar uma história tão singular e ao mesmo tempo tão abrangente, dentro de um livro infantil.

Eduardo Silva, radialista, leitor voraz e pai da Leila.

AGRADECIMENTOS

Canoa representa para mim mais um divisor de águas no modo como tenho escrito nos últimos anos. Canoa representa evolução e transformação. Para vocês expus, nessas linhas, algumas das minhas paixões como as árvores, o folclore e a preocupação com o desenvolvimento sustentável e a preservação da nossa fauna e flora.

Durante essa jornada, da concepção a ilustração e escrita da Canoa, contei com a ajuda de muitos amigos e gostaria de agradecê-los devidamente, então vamos lá!

Eduardo Silva, Raimunda Antônia, Jhazyele Beatriz, Emanuel Vinicius, Leiliane Dandara, Leticia e Liz, minha família, agradeço de montão por escutarem essa fábula por vezes incontáveis e por opinarem com sinceridade.

Rômulo Neto, amigo de sempre que a vida me presenteou, obrigada por ter topado fazer a leitura crítica e ter contribuído com opiniões valiosas, você é maravilhoso meu bem e, em breve, a Abigail vem aí porque você, com certeza, não vai permitir que ela fique na gaveta.

Werner Deimling, meu mais novo amigo e parceiro de trabalho, sou muitíssimo grata por você ter emprestado sua voz impactante para a narração do audiobook da Canoa e por dividir comigo suas opiniões, obrigada por fazer parte disso.

Jan Santos, amigo de longa data e parceiro de escritos, a gente já viveu cada uma né? E, de novo e de novo, quero te agradecer pelo seu apoio, pelo prefácio lindo e por aceitar fazer a revisão ortográfica e a edição.

Yan Bentes, o talentosíssimo designer, obrigada querido não apenas por aceitar participar desse projeto, mas por ter coordenado e realizado todo o projeto gráfico e o tratamento das minhas ilustrações com amor.

Agradeço especialmente ao Governo do Estado do Amazonas que por meio do Edital Prêmio nº 07/2021, Prêmio Amazonas Criativo, possibilitou a realização desse projeto.

A você que acreditou nessa fábula e adquiriu o livro, receba meu forte abraço e meu carinho! Espero que tenha gostado da leitura e que acompanhe meus trabalhos, porque um escritor sem leitores não tem muito propósito (risos). De verdade e de coração, obrigada!

**Com carinho,
Leila Plácido.**



Por favor, não deixe de avaliar e deixar seu comentário nas plataformas em que o livro digital está disponível para venda e download. Acesse os links da Amazon, da Skoob e do Goodreaders no meu perfil do Instagram [@sertraleila_](#).

A sua avaliação é muito importante!

Leila Plácido.

RECADINHO IMPORTANTE

Atenção papais e mães, dindos e dindas, e todo e qualquer ser responsável pela formação de um pequeno ser humaninho, por favor, leia com eles e para eles! Incentive-os!

Apenas uma canoa nas noites de verão é recomendado para leitores a partir dos 9 anos de idade, porém, é livre para todos os públicos, por isso aconselho que para aqueles pequeninos que ainda não têm o domínio total da leitura, que ajude-os lendo para eles.

Escolha um cantinho aconchegante, prepare a garganta para as imitações e comece fazendo a leitura de pequenos trechos contextualizando com as ilustrações. Caso a criança se mostre favorável a opinar, deixe-a livre para falar e até para fazer a própria versão da estória que está sendo narrada.

Esse compartilhamento no ato de ler pode agregar muitos benefícios para o convívio, desde o estreitamento dos laços afetivos até o estímulo da empatia. Além disso, a leitura estimula a criatividade, ajuda no aumento da compreensão de textos, no desenvolvimento da linguagem, na expansão do vocabulário e tantos outros benefícios. Ufa!

Obrigada e vamos juntos por um mundo melhor!

Leila Plácido.

Apoio Cultural:

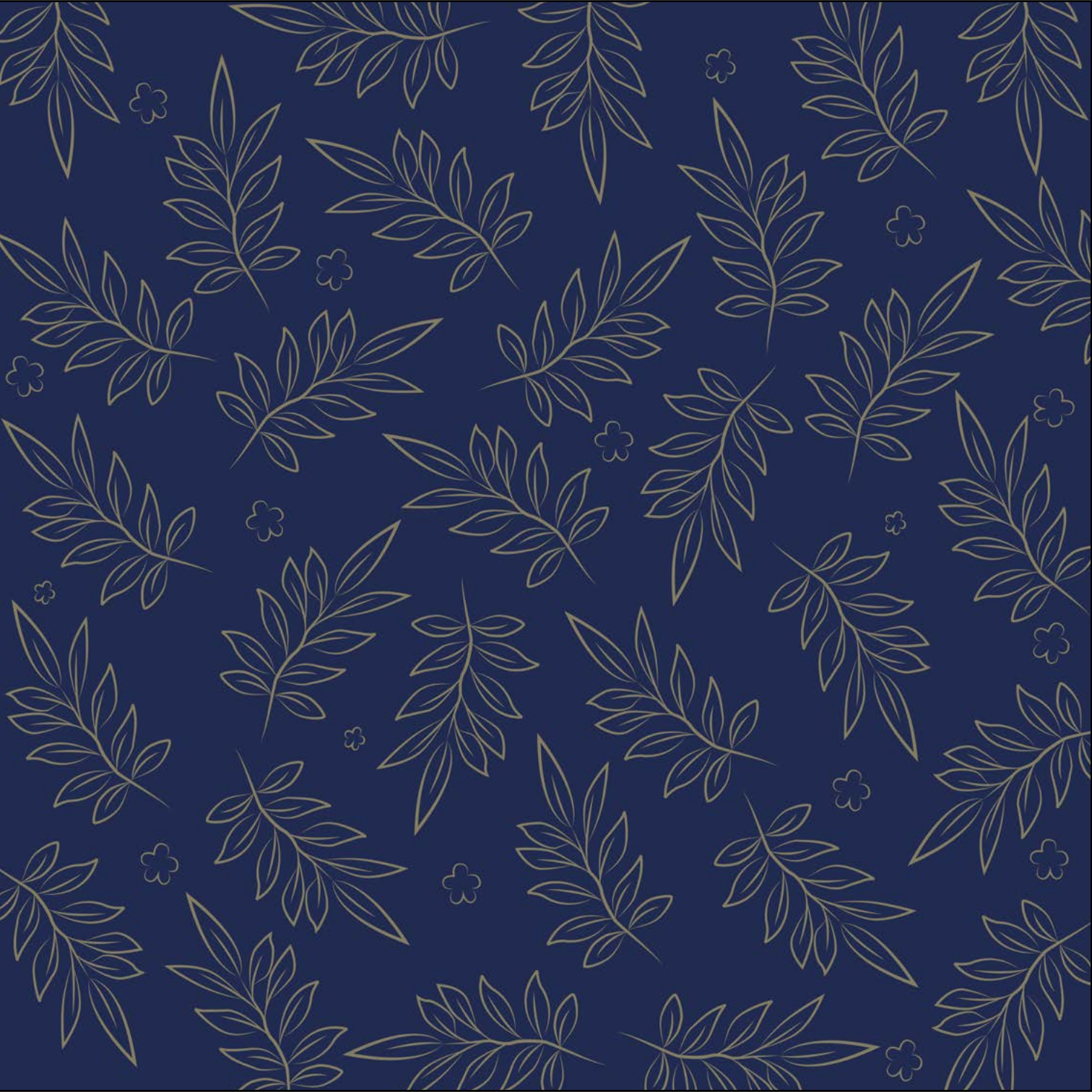
+cultura


prêmio
AMAZONAS
C R I A T I V O

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO





Quase tudo no mundo começa numa
pequena semente. É assim com os
animais, com as flores e árvores e é
assim com a gente. Canoa nem
sempre foi uma canoa, você sabia?

ISBN: 978-65-00-49542-3



9 786500 495423

CDL